



## HANNAH ARENDT E A DIMENSÃO POLÍTICA DA AUSÊNCIA DE PENSAMENTO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO CASO EICHMANN

ALINE MATOS DA ROCHA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo parte de uma leitura da obra *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, de Hannah Arendt, buscando compreender a relação que se estabelece entre ausência de pensamento e a sua conseqüente dimensão política, entendida desde a relação (responsável) do indivíduo com o mundo (com)partilhado com uma comunidade plural. Através da companhia de Arendt, analisaremos a hipótese de que se Eichmann tivesse estabelecido outra relação com o pensamento, o mal existiria (o Nazismo era um fato), porém ele seria uma das pessoas que diriam não, ou conseguiriam se questionar: qual a dimensão política da minha adesão ao Regime do Terceiro Reich? Quem cultiva a atividade de pensar se impõe limites e estabelece empatia com o mundo plural, no qual somos sempre responsáveis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hannah Arendt, Eichmann, ausência de pensamento, atividade de pensar, dimensão política.

**ABSTRACT:** Through reading of *Eichmann in Jerusalem: a report on the banality of evil*, of Hannah Arendt, we will try to understand the relationship between the absence of thought and its political dimension, understood from the relationship (responsible) of the individual with the shared world with a plural community. With the company of Arendt we will examine the hypothesis that if Eichmann had established another relationship with thought the evil would exist (the Nazism was a fact), but he would be one of the people who would say no or that could ask himself: what is the political dimension of my membership of the Third Reich Regime? Those who cultivate the activity of thinking impose limits and establish empathy with the plural world, in which we are always responsible.

**KEYWORDS:** Hannah Arendt, Eichmann, Absence of thought, activity of think, political dimension.

### Prelúdio

Segundo Hannah Arendt, compreender

não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Metafísica pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: matosdarochaaline@gmail.com.

suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja (ARENDR, 1989, p. 12).

Através das trilhas de compreensão da dinâmica do mal, Arendt em 1961 viajou a Jerusalém como correspondente da revista *The New Yorker* para cobrir o julgamento de Adolf Eichmann, um dos responsáveis pela execução da “Solução Final”, eufemismo para se referir ao extermínio judeu. Diante de um julgamento espetacularizado em que o acusado aparece como o ator principal que se apresenta para uma plateia, satisfazendo assim os interesses midiáticos que “David Ben-Gurion, primeiro ministro de Israel tinha em mente quando resolveu mandar raptar Eichmann na Argentina e trazê-lo à Corte Distrital de Jerusalém para ser julgado” (ARENDR, 1999, p. 15), Arendt se depara com a antítese do que os juízes e as pessoas que acompanhavam o processo comumente esperavam do acusado. Eichmann deveria se adequar ao papel que lhe cabia e era almejado: a figura de um criminoso nazista, abominável, perverso e sádico.

Entretanto, a imagem de Eichmann não coincidia com a de um monstro, tampouco com a de um demônio no sentido tradicional que essas palavras evocam, como expressão do mal absoluto. “Os atos eram monstruosos, mas o agente – ao menos aquele que estava em julgamento – era bastante comum, banal, e não demoníaco ou monstruoso. Nele não se encontrava firmes convicções ideológicas ou de motivações especificamente más” (ARENDR, 2010a, p. 18), embora o acusado fosse responsável por perpetrar o mal que ceifou milhares de vidas judias, pois foi a autoridade encarregada de administrar o transporte dos judeus para as máquinas de destruição (campos de concentração). Durante o julgamento Eichmann se mostrou um indivíduo comum e incapaz de pensar sem recorrer ao uso de clichês, a ordens superiores e a um regulamento.

Com base nessas constatações e considerando que se “pedem aos espectadores que narrem a história da forma como a entenderam” (FOUCAULT, 2020, p. 01), Arendt escreve a obra *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, e nos provoca a (re)pensar a relação entre ética e política através do conceito de “banalidade do mal, personificada em Eichmann” (CORREIA, 2013, p. 70), que não é o mal *per se*, mas foi capaz de cometer um mal ilimitado.

Em face do exposto, o que se pretende por meio desse texto é percorrer os esforços de Arendt em compreender – a partir do caso Eichmann – a ausência de pensamento e sua consequente dimensão política. O significado de política no presente texto “não se baseia na distinção entre governantes e governados e nem é mera violência, mas ação em conjunto, sendo reflexo da condição plural do homem [humano] e fim em si mesma” (TORRES, 2007, p. 236).

De modo que a dimensão política será compreendida como a relação (responsável) do indivíduo com o mundo (com)partilhado com uma comunidade plural.

### A (in)suficiência do pensamento

Arendt, em sua obra *Eichmann em Jerusalém*, caracteriza a figura de Eichmann como comum, obediente e cumpridor de ordens. Apesar dos problemas que a caracterização feita por Arendt possui, a sua descrição é significativa para o entendimento de um determinado tipo de criminoso que emergiu no Regime do Terceiro Reich. Um tipo que não estava propriamente representado na sua obra anterior, as *Origens do Totalitarismo*, do mesmo modo que estavam Himmler, Goebbels, Streicher, Göring. Ao contrário dos criminosos nazistas citados, Eichmann não possuía convicção ideológica:

Não entrou para o Partido por convicção nem jamais se deixou convencer por ele – sempre que lhe pediam para dar suas razões, repetia os mesmos clichês envergonhados sobre o Tratado de Versalhes e o desemprego; antes, conforme declarou no tribunal, “foi como ser engolido pelo Partido contra todas as expectativas e sem decisão prévia. Aconteceu muito depressa e repentinamente”. Ele não tinha tempo, e muito menos vontade de se informar adequadamente, jamais conheceu o programa do Partido, nunca leu *Mein Kampf*. Kaltembrunner disse para ele: Por que não se filia à SS? E ele respondeu: Por que não? Foi assim que aconteceu, e isso parecia ser tudo (ARENDDT, 1999, p. 44-45).

Não era simplesmente tudo. Era a demonstração da ausência de pensamento. Um homem vazio de convicções próprias que meramente se ajusta sem pensar muito sobre escolha e consequência. Eichmann se filia ao partido nazista porque não se permite pensar em uma outra resposta para a pergunta feita. No tocante à sua vida, Eichmann apenas almejava torná-la significativa e notável através da construção de uma carreira que se distanciasse da de um simples vendedor viajante da Companhia de Óleo a Vácuo.

A nudez de motivações sórdidas em Eichmann atraiu o interesse de Arendt para a ausência de pensamento, que “não era estupidez, mas irreflexão” (ARENDDT, 2010a, p. 18). Em Arendt,

clichês, frases feitas, adesão a códigos de expressão e conduta convencionais e padronizados têm a função socialmente reconhecida de proteger-nos da realidade, ou seja, da exigência de atenção do pensamento feita por todos os fatos e acontecimentos em virtude de sua mera existência. Se respondêssemos todo o tempo a essa exigência, logo estaríamos exaustos; Eichmann se distinguia do comum dos homens unicamente porque ele, como ficava evidente, nunca havia tomado conhecimento de tal exigência. Foi essa ausência de pensamento – uma experiência tão comum em nossa vida cotidiana, em que dificilmente temos tempo e muito menos desejo de *parar* e pensar – que despertou meu interesse (ARENDDT, 2010a, p. 18-19).

Vale ressaltar que não consideramos que Eichmann *stricto sensu* não possua pensamento, já que “o pensamento, é alguma coisa que às vezes se esconde, mas sempre anima

os comportamentos cotidianos. Há sempre pensamento, mesmo nas instituições mais bobas, há sempre pensamento, mesmo nos hábitos mudos” (FOUCAULT, 2010, p. 356). Se não negamos que exista pensamento em Eichmann, para que tipo de pensamento Arendt está nos chamando a atenção?

A autora se refere ao pensamento com perspectiva crítica, que se dobra sobre si mesmo e desobstrui os sentidos. Um pensamento crítico que “acenderia fogos, olharia a grama crescer, escutaria o vento e imediatamente tomaria a espuma do mar para a dispersar. Reproduziria ao invés de juízos, sinais de vida; invocá-los-ia, arrancá-los-ia do seu sono” (FOUCAULT, 2020, p. 03). Este modo de pensar, que tem a crítica como horizonte, estava completamente ausente em Eichmann, que “demonstrava viver num mundo de clichês, onde pouco se exige da atenção e do pensamento” (ANDRADE, 1999, p. 86), e cujo resultado se manifesta na adesão acrítica ao vigente sem imaginar outras possibilidades e refletir sobre a sua dimensão em “uma rede de relações, onde toda ação gera reações” (TORRES, 2007, p. 241), cedo ou tarde.

Nesse sentido, o pensamento de Eichmann era insuficiente, e também estava em dissonância com a formulação de juízos acerca do que é certo e errado para além do que foi instituído pelo Regime do Terceiro Reich. Este diagnóstico, longe de ser um alibi para o acusado, permite-nos pensar que Eichmann foi considerado pela acusação como uma pessoa normal, de modo que esperava-se dele “normalidade”, isto é, consciência moral. Mas o que é consciência moral?

Seria a capacidade de o sujeito dotado de integridade psíquica discernir entre o bem e o mal, e julgar por conta própria entre o certo e errado, pois

qualquer que seja a fonte do conhecimento moral – mandamentos divinos ou razão humana – todo homem mentalmente são, supunha-se, carrega dentro de si mesmo uma voz que lhe diz o que é certo e o que é errado, e isso independentemente da lei do país (ARENDR, 2004, p. 125).

Todavia, a figura de Eichmann nos ensina a não presumir como óbvia a consciência moral, compreendida, de Sócrates a Kant, como “a impossibilidade de o homem praticar deliberadamente atos cruéis, querer o mal pelo mal” (ARENDR, 2004, p. 136). O colapso dessa compreensão tradicional desestabiliza a (falsa) pressuposição de que a consciência seja algo natural. Ao largo de uma voz interior (divina) ou exterior (superior imperativa) que dita o que é certo e errado, a consciência moral é um cultivo e nós não estabelecemo-la sem a prática do pensar.

### Pensar, (re)pensar e (dis)pensar

A atividade de pensar esteve como uma das principais preocupações de Arendt, que carrega consigo tanto uma suspeita intelectual quanto uma recusa a se aproximar dos filósofos ou daqueles que ironicamente Kant denominava como *Denker von Gewerbe* (pensadores profissionais), os quais a autora não tinha pretensão tampouco interesse em ser, à medida que os filósofos monopolizam o pensar e se arrogam seu único proprietário, pois consideram que o pensamento propriamente dito tem seu lugar na filosofia.

A suspeita de Arendt reside no fato de que o pensamento não habita nenhum lugar privilegiado. Embora esteja sempre no mundo, encontra-se frequentemente deslocado à procura de um lar. Semelhante aos ciganos o pensamento caminha errante, não tem uma habitação fixa, vive constantemente mudando de um lugar para outro em busca de uma morada “melhor” no mesmo mundo em que os pensadores profissionais anseiam se envolver o mínimo possível, visto que o mundo é extremamente contingente, e os pensadores profissionais buscam um lugar seguro – outros mundos possíveis – para desenvolverem seus pensamentos e construir seus sistemas.

Os pensadores profissionais supõem conferir muita coisa ao pensar, atribuindo-lhe exclusividade, porém o despoja de tudo, especialmente de caminhar sobre si mesmo, já que os pensadores profissionais não nos dizem muito sobre o pensamento e nem se perguntam sobre o que os faz pensar, tampouco sobre o que nos faz pensar. Esta questão, quando mobilizada por pensadores profissionais, emerge apenas de suas próprias teorias e as respostas (quando) oferecidas são tão vagas e extremamente especializadas que pouco nos auxiliam em nossas vidas.

Não foi por acaso que Arendt, ao se debruçar em busca de um modelo de pensador, escolheu Sócrates, que não evitava o mundo e cujo pensamento era cigano por excelência, pois se dedicava a (re)pensar (retomar de outro modo) ideias cotidianas e presentes na vida das pessoas, como nos faz notar os diálogos escritos por Platão.

Sócrates “pratica a maiêutica no coração da *pólis*, dialoga com artesãos, poetas, escravos” (VICENTE, 2012, p. 93), ampliando a atividade de pensar para qualquer pessoa que deseje ser conduzida por visíveis e invisíveis, e este movimento não é uma necessidade que está circunscrita somente a determinadas pessoas. O pensar não é de modo algum uma atividade exclusiva dos filósofos, muito menos dos metafísicos.

Nesse sentido, Sócrates tem uma profunda influência no pensamento de Arendt, ao oferecer possibilidades de pensar, (re)pensar, contrapor e (dis)pensar algumas concepções

produzidas pelos pensadores profissionais, especialmente a noção de que o pensamento tem seu lugar apenas na filosofia. O pensar é um campo aberto no qual todas as pessoas podem percorrer. De acordo com Arendt,

a própria razão, nossa aptidão para pensar, tem necessidade de se efetivar. Os filósofos e os metafísicos monopolizaram esta capacidade. Isto levou a coisas grandiosas e também levou a coisas um tanto desagradáveis, pois esquecemos que *todo* ser humano tem necessidade de pensar, não de pensar abstratamente, de responder às questões últimas sobre Deus, a imortalidade, a liberdade, mas apenas de pensar enquanto está vivo – e faz isso constantemente. Toda pessoa que conta uma estória do que aconteceu a ela meia hora atrás na rua tem de colocar esta estória em um formato, e esta colocação da estória em um formato é uma espécie de pensamento (ARENDR, 2010b, p. 124).

Pensamos enquanto estamos vivos (organicamente) e só com a morte (física) essa atividade cessa. Contudo, a figura de Eichmann indica que esse exercício pode se encerrar ainda em vida, tendo em vista que Eichmann não se orientava pela atividade de pensar, esta que nos distingue de um mero ninguém:

O maior mal perpetrado é o mal cometido por Ninguém, isto é, por um ser humano que se recusa a ser uma pessoa. Dentro da estrutura conceitual dessas considerações, poderíamos dizer que o malfeitor que se recusa a pensar por si mesmo no que está fazendo e que, em retrospectiva, também se recusa a pensar sobre o que faz, isto é, a voltar e lembrar o que fez (que é *teshuvah*, isto é, arrependimento), realmente deixou de se constituir como alguém. Permanecendo teimosamente um ninguém, ele se revela inadequado para o relacionamento com os outros que bons, maus ou indiferentes são no mínimo pessoas (ARENDR, 2004, p. 177).

Tornamo-nos pessoas na medida em que pensamos e atualizamos essa atividade. Isto é, tornamos e permanecemos pessoas no exercício ininterrupto da capacidade de pensar. Façamos a seguinte reflexão: considere a imagem do pensar análoga à de um corpo que necessita de exercícios físicos, já que é salutar para o corpo que se exercite. Considere também a questão: o fato de o corpo está exposto a constantes atividades físicas impede que ele adoça?

Provavelmente não, pois o corpo está frequentemente exposto a vírus e a qualquer tipo de doença. No entanto, a prática de atividade física diminui o nível de vulnerabilidade do corpo, aumenta a sua imunidade e lhe fortalece.

Essa reflexão nos conduz a Arendt, que, após ter acompanhado o julgamento de Eichmann em Jerusalém e se espantar com a superficialidade do agente que executou o mal, nos coloca a seguinte questão: “seria possível que a atividade do pensamento como tal – [...] – estivesse entre as condições que levam os homens a abster-se de fazer o mal, ou mesmo que ela realmente os ‘condicione’ contra ele?” (ARENDR, 2010a, p. 20). Certamente que a atividade de

pensar não dispensa o mal, mas evita a banalidade, este caráter superficial do mal que não tem raízes e são os ossos do ofício das funções cotidianas e da lida burocrática.

Se Eichmann tivesse estabelecido outra relação com o pensamento, o mal existiria (o Nazismo era um fato), porém ele seria uma das pessoas que diria não, ou conseguiria se questionar: qual a dimensão política da minha adesão ao Regime do Terceiro Reich?

Quem cultiva “o diálogo silencioso de mim comigo mesmo” (ARENDT, 2010a, p. 48) se impõe limites e estabelece empatia em relação ao mundo (com)partilhado com uma comunidade plural, na qual somos sempre responsáveis. Embora o pensamento se estabeleça sozinho, de si para consigo mesmo, não é solitário. A própria “constituição de nós mesmos, de nossa biografia, do sentido de nossa existência, bem como a constituição da comunidade política em que vivemos é uma atividade plural, que é incapaz de ser realizada solitariamente” (TORRES, 2007, p. 241). Existe um mundo em que não estamos simplesmente, mas que fazemos parte (com)juntamente.

### **O pensamento sem corrimão**

A metáfora carrega significado conceitual profundo e nos aproxima do fazer dos poetas que buscam construir pontes que ligam nossa compreensão com o que quer que exista. Arendt, muito mais em sintonia com o modo de pensar dos poetas do que dos filósofos, destaca a força vital da metáfora na transmissão do pensamento por demandar imaginação das pessoas e ser uma maneira de “definir uma realidade inabarcável pela razão, mas propícia a ser captada de outro modo” (ZAMBRANO, 2000, p. 19), capaz de se opor ao pensamento especializado e sistemático produzido pelos pensadores profissionais.

Algo que necessita ser levado em consideração é o fato de que quanto mais se elevou a tradição filosófica, marcada por sua posição abstrata e primazia da linguagem metafísica, mais formas se buscou de se afastar do mundo – sem retorno. Contudo, a linguagem metafórica tem o poder de transformar o abstrato dos filósofos em aparência, cuja existência sempre pressupõe um espectador que logo somos. Nesse sentido, a linguagem é extremamente importante, pois é a fonte do pensamento, bem como seu instrumento.

Pensamento sem fala e vice-versa é uma relação inconcebível. Entretanto, Arendt não conseguia observar essa relação nos discursos de Eichmann ao longo de seu julgamento: quanto mais o acusado falava, mais se tornava nítido que sua incapacidade de falar estava relacionada com a sua inabilidade de pensar desde o horizonte de homens e mulheres plurais. Eichmann não possuía a capacidade de dar sentido ao mundo sem o apoio do corrimão: uso de clichês e

códigos convencionais que refletiam seu contentamento com o familiar e a sua conseqüente incapacidade autônoma de caminhar (pensar).

Sob os ventos dessa perspectiva, a autora formula a metáfora do pensamento sem corrimão para falar da nossa dependência de um conjunto de valores religiosos, morais, políticos, filosóficos etc. que são irrefletidamente utilizados para organizar e conduzir as nossas vidas:

Tenho uma metáfora que não é tão cruel e que nunca publiquei, mas conservei para mim mesma. Eu o denomino pensamento sem corrimão. Em alemão, *Denken ohne Geländer*. Ou seja, enquanto você sobe e desce as escadas, sempre apoia no corrimão para que não caia no chão. Acontece que perdemos este corrimão. Este é o modo como digo isto a mim mesma, e isto é o que de fato tento fazer (ARENDR, 2010b, p. 160).

Explicamos e justificamos as coisas tomando por base a tradição – narrativa que visa legar o passado como testamento –, sem este apoio nos sentimos à beira de um precipício, prestes a despencar. O corrimão que Arendt metaforicamente se refere corresponde ao fio da tradição que, análogo ao fio de Ariadne, não pode mais nos guiar para sairmos do labirinto. “O fio célebre foi rompido, ele que consideravam tão sólido; Ariadne foi abandonada um tempo antes do que se pensava; e toda a história do pensamento ocidental está por ser escrita” (FOUCAULT, 2000, p. 141). O fio de Ariadne transformou qualquer caminho em labirinto: Como julgar homens como Eichmann a partir do (es)quadro da longa tradição do pensamento (ocidental) moral?

A tradição não nos fornece mais sustentação, ao contrário, precisa ser sustentada. Como um quadro a ser pintado sem pinceladas sobre a tela, romper com a tradição nos proporciona traçar imagens que (con)tornam os apoios insustentáveis diante da imprevisibilidade da conduta humana frente ao totalitarismo cujo *modus operandi* desestruturou o pensamento filosófico tradicional alicerçado na ideia de natureza humana e sua uníssona concepção de ser humano, na qual é possível enxergar lacunas entre *responsabilidade e julgamento*.

Dessa forma, os escombros gerados pelo totalitarismo possibilitariam “uma abertura para se pensar independentemente da tradição e da filosofia, por meio de exercícios de pensamento político” (REGIANI, 2018, p. 91), que, semelhante à esfinge edipiana, nos lança constantemente um enigma devorante. Mas, não seria admirável “se, com essa esfinge, também nós aprendêssemos a questionar? (NIETZSCHE, 2005, p. 09). Questionar o modo como lidamos com a violência, o autoritarismo e a perda da pluralidade.



### Considerações finais

Reconhecemos, na esteira de Arendt, que a atividade de pensar possui dimensões políticas significativas, visto que nos lugares onde o pensamento está ausente reside a banalidade do mal praticada por homens que tanto se recusam a assumir responsabilidades diante do totalitarismo quanto cegam seus próprios sentidos em relação à percepção de sua (co)presença e (co)existência no mundo comum partilhado com pessoas plurais.

A política como essa *vita activa* em conjunto necessita do pensar, que não está ligado a um luxo filosófico ou metafísico, mas a uma necessidade da vida comunitária, da vida ética, e se isso é negado criamos condições para a própria destruição do contrato social, ou seja, construímos vias para a violência vir à tona, como no caso de Eichmann que administrou logísticas de deportação em massa de judeus para os campos de extermínio.

O Nazismo foi possível devido à presença de (vários) Eichmann(s), cuja aparência não se fiava pela relação entre indivíduo e pluralidade, e, como ficou nítido em seu julgamento, por sua ação individual e consequência coletiva. Aprendemos com Eichmann (através do alerta de Arendt) que se houvesse outro cultivo na relação que se estabelece com o próprio pensamento (crítico), indivíduos como ele poderiam ter sua aparição dificultada no Regime do Terceiro Reich, pois é na ausência de pensamento que o mal se esculpe. Em suma, as breves reflexões tecidas nesse tear de palavras nos possibilitam compreender a importância e a atualidade da obra de Arendt, uma voz tão necessária para se pensar os presentes tempos sombrios.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. Educar para o pensamento: uma reflexão a partir de Hannah Arendt. *Perspectiva*. Florianópolis, v. 17, p. 83-97, 1999.

ARENDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Tradução de Cesar Augusto; Antônio Abranches; Helena Franco. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Origens do totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *Responsabilidade e julgamento*. Tradução de Rosaura Einchenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. Sobre Hannah Arendt. In: *Revista Inquietude*. Tradução de Adriano Correia. Goiânia: v. 1; n. 2, p. 122-163. 2º semestre, 2010b.

CORREIA, Adriano. Arendt e Kant: banalidade do mal e mal radical. *Argumentos: Revista de Filosofia*, v. 5, n. 9, p. 63-78, jan-jun, 2013.

FOUCAULT, Michel. Ariadne enforcou-se. In: *Ditos & Escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Mota. Tradução Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 141-144.

\_\_\_\_\_. É importante pensar? (conversa com D. Éribon). In *Ditos & Escritos VI: Repensar a Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. O filósofo mascarado. Le Philosophe Masqué (entrevista de C. Delacampagne) in *Le Monde*, nº 10945, de 06 de abril de 1980: “Le Monde-Dimanche”, p. I e XVII. Tradução de wanderson flor do nascimento, p. 01-07. Disponível em: Espaço Michel Foucault <<http://michel-foucault.weebly.com>>. Acesso em: 07 de abr. de 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

REGIANI, Álvaro Ribeiro. *O pensamento sem corrimões: a crise da tradição e a teoria política de Hannah Arendt*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

TORRES, A. P. R. O sentido da política em Hannah Arendt. *Trans/Form/Ação*, v. 30, p. 235-246, 2007.

VICENTE, J. J. N. B. O filósofo da pluralidade: Sócrates sob a óptica de Arendt. *Theoria: Revista Eletrônica de Filosofia*. Pouso Alegre, v. IV, n. 11, p. 91-101, 2012.

ZAMBRANO, María. *A metáfora do coração e outros escritos*. Tradução de José Bento. 2. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000.